



Avença

Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano IV—N.º 102 Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
 PAÇO DE SOUSA | 24 de Janeiro de 1948 | Vales do Correio para CETE

AQUI, LISBOA! UMA CARTA

VOLTARAM a animar-se as pedras calcinadas de S.to Antão. A vida surgiu como por encanto adentro das paredes do palácio a que andam ligados pedaços da História de Portugal. A abominação da desolação instalada no lugar santo recuou um passo, e, sobre as ruínas e êrros do passado, vamos construindo um santuário d'almas.

Tenho os ouvidos cheios de expressões de júbilo do bom povo da aldeia.
 «Até que enfim, que há alegria nesta terra!
 «Quando ouvi os foguetes e os sinos a tocar pela primeira vez, não sei o que senti; pus-me a chorar.»

Cada qual conta a seu modo as horas de angústia por que passou nos dias sombrios da revolução: eram boatos de chacinas, eram reuniões tumultuosas nas salas do palácio onde se planeava a queda de Governos; eram chusmas de exaltados querendo queimar tudo; eram cavalgadas de guardas armados protegendo sacrílegas rapinas.

—E vocês deixavam fazer tudo o que eles queriam?

—Quem é que podia resistir? Quando nós víamos a cavalaria e as espingardas a apontar, só pedíamos a Deus pernas para fugir.

—Os da terra também tomavam parte nos assaltos?

—Não; só um é que se fez chefe dum bando, mas não lucrrou nada. A vida começou a correr-lhe mal e acabou por suicidar-se lá longe, nas lezírias. Já passava muito tempo quando deram com ele uns caçadores, e em tal estado, que ninguém lhes quis fazer o enterro.

—Mas então porque vinham os de fora aqui e não foram a S. Julião que está ali tão perto?

—Sabe porquê? E' que esta igreja era muito rica e não descansaram enquanto não roubaram tudo o que ela tinha. A de S. Julião era igreja de povo, muito pobre, e por isso ninguém fez caso dela.»

Os santos não voltarão porque foram queimados, mas havemos de pedir aos nossos leitores um grande crucifixo, tamanho natural, e coloca-lo sobranceiro ao altar, para que os desamparados vejam nele o Salvador.

Ele que nasceu pobre, que em vida não tinha onde reclinar a cabeça, e que morreu como nasceu, não há-de ser mais objecto de cobiça, de ódio e ambição, nem de pobres nem de poderosos.

* * *

Começam-nos a bater à porta farrapilhas, vindos de Lisboa. Ainda é cedo. Falta-nos muita coisa ainda para os recebermos como merecem. A máquina de costura! Sem ela—nada! Mobílias para a escola; calçado, remédios, roupa de agasalho; animais domésticos. Estamos muito pobres de tudo. Só as donas de casa podem avaliar o valor dalguns embrulhos que nos chegaram. Num deles, deixado no Patriarcado, pôs alguma boa mãe de família, todo o seu carinho. Trazia açúcar, sabão, sélos, lençóis, fronhas, cobertores etc. tudo o que é preciso nas primeiras horas duma casa onde não há nada. No Montepio, na igreja de Fátima e na de S. Domingos, os donativos sobem já a vinte contos. Muito mais se lá pode depositar.

Póvoa de S.ta Iria é a estação da C. P. mais próxima. A Fábrica da Abelheira põe-nos em casa, tudo o que para lá fôr despachado. Não sabemos agradecer quanto os senhores da mesma fábrica, de Sacavem, da Lapa e doutras paragens, nos teem valido. Dezassete carreiras diárias de camionetes para Bucelas, passam por aqui e podem trazer visitantes e donativos.

No domingo passado explicaram-se bem. Recebemos a oferta de dois leitões e seiscentos escudos em dinheiro! Venham mais!

P.º ADRIANO

COMERCIO NEGRO

Se algum dia ficou bem o nome de famoso dado ao nosso quinzenal, e se alguma razão jamais houve pela qual êle o mereça, vai-se saber agora.

Feitas e apuradas as contas, verifica-se um lucro de oitenta por cento, que êle, o famoso, deu à casa! Na roda do ano que acaba de findar, a gente recebeu dos assinantes e compradores avulsos, a quantia de trezentos e setenta continhos e pagou à tipografia e ós Correios sessenta ditos.

Nas barbas dos senhores fiscaes e com todos os rigores da lei, nós metemos à algibeira oito de cada dez tostões, e pronto. Não sei se no Império haverá assim um negociosinho, de tantos quinzenais que por ai andam. Não sei. O que eu sei é que estas são as contas de «O Gaiato».

Os administradores são quatro; o Avelino, o Carlos, o Cete e o Alfredo. Os cronistas são trez; o Pastelão em Coimbra, o Francisco em Miranda e o Rádio no Tojal. Também há um cronista em Paço de Sousa que é, em regra, um dos senhores administradores. Acumula. Outro escandalo. Os vendedores, são de sobra conhecidos, para agora os nomear. Os expedidores, na mesma.

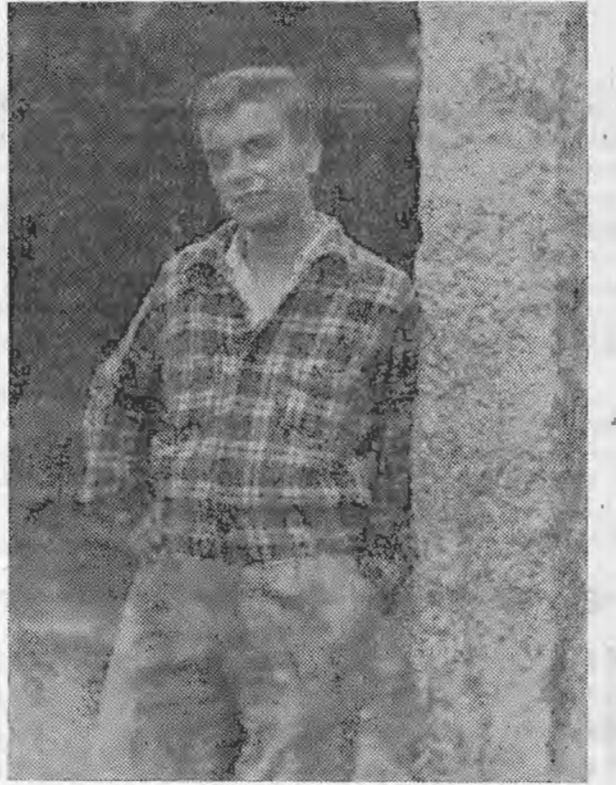
Simplemente pasmoso! Fomos às entulheiras buscar farrapos, lavou-se-lhes a cara e os pés, vestiu-se-lhes roupa lavada, deu-se-lhes a canêta e ei-los. Sem ciencia nem agua benta, eles fazem circular duas vezes por mez o mais gracioso periodico, que muitos gostariam fôsse semanal, de tão apeteçido! Mais. Eram ladrõesitos. Um deles, fazia grandes coisas no Caçoila de Cedofeita, aonde se planeavam assaltos!! Hoje, contentes e agradecidos, ameigam os cordeirinhos que nascem das nossas ovelhas, apanham borboletas no tempo delas, bebem tijelas de leite, e levam aos lares de Portugal as horas mais saborosas, pelo que fazem e dizem. O jornal é o porta-voz.

Pois muito bem. Em nome dos Resgatados, por amor destes meus filhos, aqui vai o meu pedido oficial de mil novecentos e quarenta e oito: Que o numero de assinantes dobre. Mais comercio negro. Mais accumulações. Mais escandalo.

Nós não temos razão de queixa. O numero deles vai crescendo. Não vem dia nenhum ao mundo que não nos traga nomes a suplicar o famoso. O que temos é muita pressa. A maré cheia não nos satisfaz. Nós queremos a vaga por sobre a penedia. Queremos o equinócio.

«Presente o n.º 100 de «O Gaiato» que, como sempre, foi lido com avidez. Uma local, porém, me comoveu até às lágrimas, lida uma, duas, tres vezes, para friza-la bem. E' aquela em que «um dos espigados» vai pedir para ir vêr a mãe. Que «Mundo de Belesa e de Verdade!» «Quem me dera uma mãe, ainda que fosse uma silva...»

Quem me dera assistir ao encontro desse rapaz com a sua Mãe!
 Vós sois «o Servo» dessas rapazes e por isso, tereis de o acompanhar longe, muito longe de Paço de Sousa. Para ajuda das despesas dessa viagem sublime, vai um vale do correio de 200\$. E' pouco, mas é o que posso agora. Desejaria que para satisfazer a esse rapaz o Santo Amor de Filho, a «Obra» não dispendesse um só centavo.»



Eis aqui a fotografia do saudoso filho que quer ir vêr por si mesmo se ainda hoje, como dantes, em pequenino, é dôce o nome de Mãe. Iremos brevemente. Ele não quer ir sósinho. Prá passagem, já temos 200 escudos. Chegam. O que eu agora pretendia era saber de uma Família de Lisboa, aonde o rapaz pudesse ficar uma noite. A Mãe dele mora da outra banda, muito no interior. No dia seguinte ao da nossa chegada, partiríamos. Sublime viagem, lhe chama este nosso amigo; deu-lhe o nome que ela tem. Eu cá fico no hotel. No Francfort do Rocio. Tenho ali tudo por metade do preço. Podia levar comigo o rapaz, mas não quero. O salão de jantar. Os comensais. A comida — o Mundo! Oxalá estes meus filhos não saíssem nunca de ao pé de mim, nem conhecessem outro salão que não fôsse o nosso refeitório, aonde as batatas estonadas são manjar apeteçido e sempre saboreado. Oxalá! De forma que no hotel, não, pelo espavento. Em casa de sua mãe, não, pela penúria. Já lhe perguntei se êle queria ficar uma noite em casa. Que não. A minha Mãe não tem aonde! A nossa casa do Tojal, é longe. Então quê? Alguem de Lisboa que abra as portas por uma noite ao sublime viajante. A primeira oferta que chegar, é essa que eu aceito.

Pelo nosso hospital A PROJECCÃO DUMA OBRA Crónica Desportiva

Primeiramente fala o Mestre. O nosso médico assistente, Dr. Barbosa Leão. Ora oçamos:

«O balanço das actividades médicas da Casa do Gaiato nos últimos dois anos é caracterizado por um esforço sempre pendente a prevenir a doença.

Pudemos fazer a todos a vacina anti-variólica e anti-difterica; iniciou-se a vacinação antitífica que não pode ser continuada por falta de produto.

Também não podemos revacinar este ano contra a difteria por falta do produto. Graças à belíssima colaboração do Dr. João Gaspar, podemos iniciar um estudo radioscópico a todos e radiográfico aos que se julgar conveniente; enxinação a todos e exames periódicos; de futuro vacinação aos que precisarem.

Com os exames de sangue a todos mercê de gentileza do Dr. João A. C. Silva, podemos melhorar extraordinariamente o nosso ficheiro e iniciar com segurança o tratamento antisifilítico.

O consultório dentário continua a prestar optimos serviços dirigidos pelo Dr. Mergulhão. Iniciou-se também o exame neuro psiquiátrico dos nossos rapazes graças à benemerencia com que o director do Centro do Norte, Dr. Gregório Pereira acolheu a ideia, deslocando-se aqui. Dentro de pouco tempo, com a terminação dos exames em curso poderemos melhor prevenir e orientar física e moralmente estes rapazes que nos chegam quasi sempre em condições pessimas.

Para o próximo ano é nosso desejo e imperiosa necessidade continuar-se com as vacinações preventivas e aqui fica o nosso apelo nesse sentido a ver se nos não falta o produto.

Tivemos este ano um esboço de epidemia de coqueluche; felizmente conseguimos chegar ao fim apenas com 24 casos no isolamento; e se estivessem sem ser vacinados?

Aqui pois o nosso apelo às entidades competentes, aos particulares, aos laboratórios, enfim a todos que compreendam a nossa missão: mandem-nos vacinas».

A seguir fala o enfermeiro. O enfermeiro encartado, senhor Leal. Alto lá com os enfermeiros. Eles costumam *saber* mais e melhor do que os médicos. Assim como ao pé do sargento, o capitão não presta e aonde estiver o sacristão o padre que se cale, e entre tipografo e escritor, quem ganha é o primeiro. Até aqui nas obras da aldeia se nota esta *doutrina* entre os técnicos que por cá aparecem de vèz em quando e os operários que sempre estão. Estes é que *sabem*. Mas vamos adiante. Demos a palavra ó senhor Leal:

«Deram entrada na enfermaria 19 rapazes. Sairam curados 14 em 31 ficaram 5. Curativos 472. Consultas 86. Injecções endovenenosas 27. Intramusculares e epidérmicas 227. Análises de Sangue — Reacção Vasserman 15. Rádioscopias 15. Radiografias 1. Estomatologia 10».

NOTÍCIAS DE COIMBRA

Em primeiro venho explicar a razão aos Snrs. leitores porque não tenho escrito as notícias:

A primeira é porque estava em fins do 1.º período; e a segunda é porque estive a passar as férias em Paço de Sousa. Vou contar mais tragédias passadas no nosso Lar.

A primeira é contra mim próprio. Apesar de eu cá estar há pouco tempo, já fui ao tribunal.

Por que havia de ser?

Por andar à pancada com um dos nossos chamado Ratinho. E' rato, só o nome indica como ele é.

—Agora já temos Professora para os mais pequenos.

—Parece que valeu apenas eu ter dito no jornal para cá virem visitantes. Já vieram cá mais duas senhoras e deixaram um embrulho de rebuçados e 100\$00.

—Temos o Inverno em cima de nós mas lá roupa é que não há muita. Escuso de dizer o que estou a lembrar aos senhores leitores.

—Agora temos comido tangerinas à merenda, à noite e ao meio dia, porque os donos duma quinta que está perto de nós, nos teem dado.

E com estas poucas palavras, termino as nossas notícias.

CARLOS INACIO.

Sem convites oficiais, como de costume, abriu solenemente no dia 4 a Casa do Gaiato de Lisboa. Mais uma realidade daquela ideia que orientou a criação das casas de Miranda e de Paço de Sousa. Mais um abrigo e um campo de formação espiritual para as crianças desprotegidas, para as crianças abandonadas pelo egoísmo dos pais, para as crianças desviadas do caminho recto e são de uma conduta com dignidade humana...

Abertura solene sem carácter oficial, sim. Teve a presença do Evangelho sempre candente na sua actualidade, do Evangelho que é um manancial de normas de conduta, sempre vivo, sempre palpitante no coração dos homens de boa vontade! Tem sido ele a única fonte pedagógica onde os rapazes vão buscar os ensinamentos para a sua educação e onde encontram a água para a sua sede de justiça e amor.

Esta é a 5.ª Casa do Gaiato, que se projecta e instala agora no coração da capital. Abriu somente com dez rapazes, mas dentro em breve serão decuplicados naquele desejo veemente e apostólico de salvar para sermos salvos. Ali, como nas outras casas, irão crianças desabrochar numa esperança prometedora do futuro, risonhas e expansivas na sua mocidade despreocupada, entregues à naturalidade das coisas a quem comunicam o desenvolvimento da sua personalidade, das suas faculdades, da sua essência racional. De seres entregues à promiscuidade sem limites da sua miséria, ao ambiente acanhado e nefasto de suas vidas reduzidas, serão integrados na sua missão de pessoas humanas, na pujança da sua seiva juvenil, serão, enfim, obreiros duma mensagem cristã, no caminho de si próprios e na salvação dos seus irmãos vindouros.

De Lisboa, as raízes da Obra da Rua hão de penetrar, sem utopias, nas nossas colónias, que são o produto do nosso esforço colonizador e missionário. Subtrair rapazes aos meios deletérios com o fim de os salvar, é a nossa preocupação. Esses rapazes, uma vez na Obra, estão em sua casa, naquilo que constróem para seu bem e de outros. Com lutas e sacrifícios esquecem os seus males, beneficiados por uma orientação pedagógica que nada tem de anacrónico e absoluto.

Já bem alicerçada nos seus fundamentos, a Obra prossegue e prosseguirá. A cidade do Porto é testemunha dos progressos e dos resultados que estão visíveis. Mas não é só o Porto, que já tem o seu coração na Obra da Rua, que vem verificando os rasgos de nobreza destes rapazes: será todo o Portugal, porque a grandeza e o prestígio desta revolução social, em prol da criança desprotegida, é para bem de todos os portugueses que desejam ver eliminado o coeficiente de menores nos bancos dos réus, dos portugueses que desejam ver salvaguardados os valores morais e individuais destes rapazes, que serão, amanhã, a vitalidade da nossa Pátria.

HERLANDER

Assinantes

Como actualmente resolvemos não publicar nomes e quantias, pode muito bem acontecer que os novos assinantes fiquem sem saber quanto hão-de dar pelo jornzinho. Sim, porque no texto, não aparece preço nem condições de pagamento. Nós somos uma obra silenciosa. Não dizemos, não publicamos nada. O *bulício* é tódo dentro da alma dos leitores. Dentro deles nasce o desejo e a quantia e a data e a maneira e tudo o mais que diz respeito à forma de pagamento. Não se paga; dá-se uma quantia. Ha coisas que estão fóra e acima dos mercados. Nós não vendemos; damos o jornal. Quem lê não paga. Da-nos, também, naquela medida em que dêle recebe.

Duma maneira geral, estamos satisfeitos, não só com o numero crescente de assinantes, mas também com a sua presença. Têm vindo. Hão-de vir. Custa-lhes lêr de borla. As nossas provincias d'alem mar, não ficam a dever nada, nadinha, às d'aquem. No Lobito, ha um fervoroso amigo da Obra, que se não cansa de enviar nomes de futuros assinantes e com esses nomes o mais. Não ha notas pequenas. São terras grandes. Os seus habitantes não teem poeira na vista. Do Lobito, espalha-se este nosso amigo pelo interior, e vai pescar nomes por toda a parte; de forma que o *Gaiato*, dentro em pouco, será o necessario e indispensavel aperitivo dos portugueses que por lá andam. Assim seja.

Lisboa também está a marcar. Hoje mesmo

No dia 25 de Dezembro de 1947 efectuou-se um desefio na Casa do Gaiato entre a Selecção de Paço de Sousa contra o União de Paredes. O jogo começou às 3 horas da tarde.

A bola foi ao centro os de Paredes levam a bola nos pés correm até à grande área de beques mas Madureira desarma o adversário e de repente alivia para meio campo e a bola é apanhada por Rio Tinto que dá de cabeça para Sérgio que dribla 2 adversários e remata às redes do Paredes e o guarda-redes sai-se a detender a bola. O guarda-redes põe a bola na linha para o beque Chutas chutou a bola cai a meio campo é apanhada por um jogador de Paredes que corre às redes do Paço de Sousa mas Madureira desarma num momento oportuno e Sérgio apanha a bola que corre e passa para Zeca chefe que novamente passa a Alfredo que torna a passar para Mantas este é desarmado por um jogador de Paredes que remata à baliza do Paço de Sousa e faz o 1.º gólo de Paredes.

O esférico foi ao centro o avançado centro de Paço de Sousa leva a bola nos pés passa para Sérgio que novamente para Jorge e dentro da grande área de Paredes há uma embaralhada mas Jorge tanto andou que conseguiu fazer o 1.º gólo de Paço de Sousa. A bola foi ao centro o Paredes corre com a bola nos pés que remata às redes do Paço de Sousa mas o guarda-deste grupo fêz uma bela defesa ao canto. Amadeu chutou a bola para meio campo que é apanhada por Alfredo que passa para Mantas que fica desarmado por um jogador de Paredes que corre e passa ao seu colega que passa outra vez ao mesmo que dribla 3 adversários que remata e faz o 2.º gólo de Paredes F. C. A bola foi ao centro houve algumas jogadas sem interesse e o árbitro deu por terminada a primeira parte em que o Paredes venceu por 2-1. A bola foi ao centro Zeca chefe leva a bola nos pés passa por alto para Rio Tinto que dá de cabeça para Sérgio este fica desarmado os de Paredes levam a bola nos pés que rematam à baliza de Paço de Sousa e o guarda-redes já estava batido quando Lino vem salvar a bola na risca da baliza que chutou para Zeca chefe que remata às redes do Paredes com muita força mas o guarda-redes tinha medo que a bola lhe partisse os dedos deixou entrar e assim se fez o 2.º gólo de Paço de Sousa. A bola foi ao centro os visitantes levam a bola nos pés correm com força à baliza de Paço de Sousa mas Madureira desarma o adversário que passa logo Zé Mantas que corre com força mas é desarmado por o beque direito de Paredes que passa para o meio do terreno e a bola é apanhada pelo avançado-centro de Paredes que passa para o meia-esquerda do mesmo grupo e corre às redes contrárias que remata e faz o 3.º gólo de Paredes. A bola foi ao centro houve também alguns remates às redes de cada grupo mas o árbitro deu por terminado o encontro em que o União de Paredes venceu o de Paço de Sousa por 3-2. O Paço de Sousa antes de começar o encontro ofereceu uma garrafa de vinho fino a cada jogador de Paredes.

O Crónista

JOSÉ DE SÁ

P. S. — Grandes trabalhos passei para arranjar crónista pra este encontro! Não querem fazer a crónica quando a gente perde!!

chegou uma lista de 75 nomes. Não sei se todos *pegam*. A lista vem, até, com o rotulo de *assinantes prováveis*. Tudo comerciantes; firmas comerciais. Ora aqui é que eu tenho um nadinha de receio. Os comerciantes, em regra,—são comerciantes! Vamos a vêr.

A venda do numero cento e um foi boa. Nada menos de onze novos assinantes entregaram aos vendedores nomes e dinheirinho e nove antigos, que já ha muito haviam dado seus ricos nomes, deram agora seus ricos dinheiros; e muito contentes da sua vida por lhes ser possível gastar dinheiro tão bem gasto.

A venda total foi de 2129 numeros; dos quais trez centos e què, ficaram na mão dos Bracarenses. Ha assinantes que pagam aos cinco e dez anos adiantados, tal o medo do rôl!... Não é preciso tanto. Agente chama caloteiro, sim, mas não alumia. São coisas particulares. Muitas cartas veem dirigidas aos *grandes administradores do famosissimo*. Está bem. O pior é que dois dos tais grandes administradores, acabam de ser rapados na loja do *Piriquito!* E não estão livres d'outras rapadelas! Por esta vèz não digo aqui o nome dos *operados*. Vamos a vêr.

Do que nós necessitamos

Mais um envelope deixado sobre a mesa do meu trabalho, à falsa fé: Ladrões às avessas. Mais um cheque de cinco contos do Banco. Mais de Avanca duas dúzias de lenços, Que jeito! Há ali, em Avanca, um senhor que faz camas e muitos outros artigos. Mas eu falo de camas. Leitões completos. Já há um rôr de tempo que somos fregueses. Faz-nos sempre um considerável desconto e agora, na remessa do Tojal, ofereceu cinco das camas encomendadas. Nunca aquela

NOTA DA QUINZENA

Tem sido muito criticada uma afirmação em *Do que nós necessitamos*, no derradeiro numero do famoso; foi quando eu declarei ser ruína para a nossa obra um suposto donativo de mil contos. *Quê? Então ele anda a pedir de porta em porta e regeita dinheiro! Quem é que o entende?*

Ora eu tenho de me explicar, para não escandalizar. Se o Mestre chamou felizes aos que se não viessem a escandalizar n'Ele, é certo que são infelizes aqueles que assim o fazem. É justamente a estes que eu desejo dar a explicação. Dinheiro, sim. Donativos, sim. O pão nosso de cada dia, que nunca nos falte, mas tudo quanto fôr acima disso, desmoralisa. Nós todos estamos fartos de vêr isso mesmo na vida cotidiana das pessoas e dos acontecimentos. Há muitas pessoas físicas e morais que não produzem obra séria, por via da abundancia desmedida de fundos. Vivem submersos e às vezes acabam por morrer inundados. A inundação do dinheiro causa victimas e faz desgraçados.

Mas vamos ao nosso caso. Caso concreto. Eu recebia mil contos. Sabia-se. Se os outros não apitassem, fa-lo-ia eu. Eu gosto de dizer tudo quanto recebo. Nunca aceitei o conselho do não diga, que os outros sabem e não dão. Pois que não deem. São em muito maior numero os que se alegram ao sabê-lo. Vou pelas maiorias quando elas são boas. Pois bem. O facto tornava-se publico. A primeira resposta que chegava às mãos, era uma carta do Padre Adriano a pedir metade para a Casa de Lisboa, e não lhe faltariam argumentos para fundamentar. Esta carta recebida e mal acabada de lêr, vinha necessariamente uma carta do Padre Manuel de Coimbra a pedir uma carapuçada, com os argumentos que ele também havia de saber ir buscar à susposta dádiva dos mil. E senão, veja-se como escreve este jovem sacerdote, em carta hoje mesmo recebida: *Acabo de ler o Gaiato, e maravilhado por tudo o que por aí vai, faz-me indignar o facto de que também na Obra da Rua haja filhos da livre e filhos da escrava.* Alude ao numero aonde se publicava a data de coisas que nos ofereceram pelas festas do Natal, nada parecido, já se vê, com mil contos.

Ora se assim o rapaz se indigna e escreve por aí fóra uma carta de 4 folhas a vociferar, o que seria, se nós tivéssemos a desgraça de alguém se lembrar da gente com somas que nos não são dadas! Sim. Muito havia de dizer o Padre Manuel, para arrastar uma boa maquia para a casa de Coimbra. Por outro lado, eu. Eu também havia de querer. Eu sou o leão, e tólo seria se não ficasse com a maior parte. De sorte que, o tal beneficio do milhar deles, redundava mas é numa tremenda desavença. Aqui está. Eis de como eu fundamento o meu desdem, e fujo a quatro pés daquilo que todos procuram. Ao contrário, pobres como somos, vamos gemendo e andando, sim, mas as cartas aparecem na meza. Adriano queixa-se de que não tem. Manuel, vai um nadinha além das queixas; *aqui dividas e mais dividas, ai donativos de todas as espécies!* Mas como somos todos pobres, eu vou dando como posso eles fazem o que podem, e vivemos todos em paz. Assim tem de ser. Os heróis e os santos foram sempre pobres. Eu espero do meu Deus o tempo necessário e a hora precisa, para fazer uma escritura e ligar a ela os meus sucessores, com uma maldição, se não cumprirem. Eu quero que eles se obriguem a ter casas e abrir as portas ao rapaz que não tenha quem pague, quem cuide, quem olhe, quem se interesse por êle. Abrir as portas somente a estes. Para outras classes, haverá outras casas. Tudo é necessário. As nossas, são para aqueles. Eles são a garantia. É absolutamente impossível que venha a faltar alguma coisa à pobreza das nossas Comunidades, havendo fidelidade à Escritura,—ou então—Deus não existe.

boquinha se abriu a pedir o dinheiro das facturas — nunca! Aqui há tempos passei pelo escritório. Era um padre. Não me conhecia. Mal Ele soube quem eu era, vai ao cofre, rapa d'uma nota de mil e pronto. Assim se levantam e sustentam as casas do Gaiato. Mais do Estoril, brinquedos. Mais de Leiria, guardanapos prós Batatas. Mais de Vizeu, roupas e toalhas. Ainda andam toalhas no caminho. Mais de Lisboa, roupas. Mais de Loriga, 4 retalhos de fazenda. Fazemos aqui um minuto de silêncio ós preciosos retalhos. Retalhos que dão calças. Ora como temos oficina de alfaiate e muitas pernas para cobrir, aí temos a razão da nossa alegria e o minuto de silêncio. Quem dera mais! Mais cortes. Loriga, Gouveia, Tortozendo, Covilhã, Vidual — nomes cheios. Assim fossem os corações. Mais de Lisboa, dezasseis agasalhos de lã do que há de melhor. Mais de Alpedrinha, roupas. Temos cá um pequeno de Alpedrinha. Há mais de um ano que é nosso. Semanas depois da sua chegada, vem ele ter comigo, ar de muita sinceridade, e pede licença para falar. Falou. *Deixe-me ir à terra dizer adeus à mulher que me criou.* Pequenito como um rato e ainda hoje o é, queria ir a Alpedrinha, ó cabo do mundo! Mais de Tentugal, roupas. Outra vez de Lisboa, roupas. Mais do Entrancamento idem. Mais de Montemor-o-Novo, frutas secas. Mais do Porto, sabonetes. Mais de Serpins lenços e camisas. Mais de Lisboa, duas gabardines. Mais de Castro Daire, roupas. A gente pasma das terras de onde e o que trazem dentro estes pacotes! Quem está prá a dizer mal dos homens — quem? Mais 263\$ do Rio de Janeiro. Mais da Delegação da Junta Nacional das Frutas, do Porto, uma data de migalhas de 29 empregados, as quais somadas, fizeram um bólo de 216\$. O João Ninguém de Lisboa, agora não manda por carta. Deposita no Banco. Foi lá pôr 100\$. Talvez disponha de menos tempo e de menos posses do que tu, e não obstante vai ali depositar! O Conselho Superior Técnico do Corporativismo, quis mandar um recado a todos os organismos acêrca das Casas do Gaiato. Não sei que recado foi, o que sei é que alguns deles têm-se explicado, uns mais alto, outros mais baixo, outros muito baixinho. Eu quizera que todos entrassem no espírito da Circular e dessem prá frente, como costuma dizer cá em casa o Presidente, a um ou outro visitante que hesita: *Dê prá frente.*

Não há dinheiro mais nosso, do que o dinheiro do Estado; nem que mais respeito mereça, por ser sangue de todos. Não conheço quem são os Senhores do Conselho Superior, tão pouco Eles me conhecem. Foi, pois, a obra que os obrigou. Devem conhecê-la bem, para tão eficazmente a amar. Se os aconselhados vierem a ter da Obra a mesma opinião, hão de diminuir os nossos trabalhos, à maneira que fomos abrindo mais casas. Se é verdade que sem eles temos ido tão longe, que fará agora com eles?! Vamos a ver.

Mais 15 contos na Ideal Rádio do Porto. Foi um senhor que deu aquele dinheiro à conta do meu retrato, mas fez mal, porque ficou sem uma coisa e outra! Hei-de ver se escondo a minha cara até ao fim. Retratos. Bustos. Estátuas. Nomes. Nem as imagens dos altares escapam, quanto mais a mediocridade! Os homens são os mesmos, sempre e em toda a parte.

Eu tenho para mim que a morte, assim como, em vida, os grandes feitos da alma, devem ser considerados e medidos somente pelo silêncio. Gosto do silêncio. Não falta quem se deixe pintar e é bem que assim seja. Ai dos fotografos se tal não fôsse. Eu, porém, quero ser e morrer um desconhecido. Mais 200\$ dos alunos da Escola Masculina de Ponte do Sôr.

Mais uma visita a vários industriais do Porto e do Norte, aonde encontramos umas dádivas de grande valor para o fomento da nossa obra: Teares. Os senhores que oferecem, vêm aqui montar e dirigir tecnicamente, enquanto os nossos rapazes não souberem lidar com eles. Outro senhor, também do Porto, oferece os acessórios. Fio e o mais havemos de pedir a seu tempo. Também alguns fabricantes nos quizeram oferecer algum dinheiro e numa fábrica, deram uma data de metros de pano turco para toalhas. Já não é angustioso o nosso problema das toalhas. Cada um tem sua. Mais mal estou eu que tendo também a minha, como eles, muitas vezes limpo a cara ó lençol da cama. É o Abel. Ele é o meu creado de quarto. Hoje, dia de inverno, não se esperava, mas vieram muitos visitantes. Carros

Notícias de Miranda

..... por João Carlos Freitas

As nossas obras estão muito adiantadas. Já está tudo telhado e uma sala soalhada.

Como tínhamos uma camarata como se costuma dizer fora de portas, improvisámos uma na obra que ficou melhor do que nós julgávamos.

O chão era todo de pedras e nós pusemos umas carradas de serraduras para ficar melhor. Já se cá aleijou um carpinteiro.

Esperamos que em Maio ou Junho, a obra esteja concluída.

A venda do nosso jornal atómico, como diz um assinante de Angola, decorreu muito bem.

Partiram daqui no Domingo, três dos nossos vendedores, com destino a Coimbra.

Eram eles o Zé Briu, o Fala Barato e o Bucha actual campeão do «récorde». O Zé Briu vendeu quarenta, o Fala Barato idem, e o Bucha cinquenta.

Tiveram algumas gorjetas. A Louzã foi o Bucha e o Pinguinho, onde foram muito bem hospedados. A Miranda toram lá ontem, onde venderam quase todos.

A nossa Conferência

Muitos dos leitores do nosso jornal, devem já ter julgado e com razão, que a nossa Conferência acabou. Não. Está cada vez mais desenvolvida. Se não tem ido nenhuma acta para o jornal, é porque nos tem sido impossível. Vamos hoje publicar uma das actas da nossa Conferência. Começa assim:

No dia 21 de Dezembro de 1947, reuniram-se como de costume os meninos da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato, com assistência do nosso presidente e assistente.

Por meio de uma leitura que se fez pelo manual da nossa Conferência, mais uma vez se mostrou aos jovens confrades que o fim principal das conferências é a santificação dos seus membros por meio da visita ao pobre que representa um irmão nosso na figura chagada de Jesus no Calvário. São os pobres irmãos nossos, muitas vezes com o corpo coberto de feridas, mas que têm uma alma imortal como a nossa e que muitas vezes têm mais merecimentos diante de Deus do que nós.

Seguiu-se o inquérito, em que cada confrade diz as misérias do pobre que visitou.

O que foi ao Monteiro diz que aquele pobre precisa de uma cinta para o estomago. Já uma vez pedimo-la no jornal, mas nenhum dos nossos benfeitores nos atendeu.

Combinamos o que havíamos de levar aos nossos pobres no dia de Natal, e assim ansiosamente aguardamos o dia de Natal para irmos levar aos nossos pobres alegria e conforto.

Pedimos aos nossos benfeitores para mandarem roupas para os nossos pobres.

.....
de alto lá com eles! Um senhor deu uma nota de mil escudos ó Sapo e outra ó Melgaço. Ele deliraram, ao entregar. Foi uns senhores. Era um senhor de botas. Se eu quizesse agradecer o dizer ao mundo quem deu os dois mil escudos nada mais poderia adiantar à informação do Melgaço. Um senhor de botas. Gosto assim Ninguém, é uma grande palavra. Nós aqui não somos uma sociedade anónima, no sentido significado das ditas. Nós cá damos tudo quanto recebemos, só contas é que não. Nós somos uma sociedade anónima, sim; mas não temos nome. Quem vem, quem manda, quem deixa ficar—tudo sem nome. Quando muito, uma designaçãoinha. Um senhor de botas. Rialmente, naquela tarde escura, eu presenciei na multidão dos visitantes um cavalheiro de botas altas. Era Ele. Foi Ele o dos dois mil. O Melgaço disse-me que lhe perguntara pra que eram aquelas botas.

— Que dizes tu?!

— Sim. Perguntei pra que eram aquelas botas tamanhas!

Muito bem, há-de ser aquele senhor para desculpar a irreverência!

Alguém manda 7 pentes para o Rio Tinto. Aquele que foi à feita comprar um pente e regressou sem ele, por caros. Se todos fizessem como ele fez, os preços vinham pra baixo sem interferências superiores! Mas infelizmente não é assim. Abunda o delírio de comprar aonde superabund o delírio de ter com quê. Mais oito pacotes de roupas e brinquedos e figos, retirados do Depósito; aonde também se encontrou um senhor a pagar as assinaturas do famoso com três lenços em folha.

Mais de Viana, roupas. Mais de Braga, roupas e calçado. Dum Anónimo do Porto 100\$. E por hoje — ponto final.

NOTICIAS DA CASA DO GAIATO

1 Na terça-feira fui à Camara Municipal de Loures pedir um desconto das obras eléctricas e também da energia que se vai gastando. Entrei para o escritório do Snr. Presidente, sendo muito bem recebido. Depois ele fez-me muitas perguntas: perguntou-me como é que eu fui para a Casa do Gaiato e respondi que foi uma Senhora que me via todos os dias fora de casa a roubar sardinhas na Praia da Figueira da Foz. Também outro senhor que estava presente perguntou-me se fugiam alguns Gaiatos e eu novamente respondi, que fugiam alguns, mas quando iam a meio do caminho dava-lhes a fome e voltavam para casa. O Snr. Presidente perguntou-me ainda outras coisas e terminou dizendo que das obras não era nada, e que dava também 75 por cento de desconto, no consumo de electricidade. Foi o que eu quize ouvir; despedi-me e agradei por todos os Gaiatos.

2 Também um dia destes fui pela primeira vez sosinho a Lisboa aos recados. Fui à Intendencia por causa de uma guia de azeite e do racionamento. Daí mandaram-me a outra rua, depois ainda era outra.

3 Aqui há dias veio cá uma camioneta da fábrica de papel do Tojal com mobílias que nos deu o Montepio. O chauffeur virou-se para mim dizendo que tinha um azar aos asilos que não os podia ver! e eu perguntei-lhe porquê. Ele disse que tinha estado asilado desde os 7 anos até certa idade. Então respondi que aqui não era nenhum asilo. E vai ele muito de pressa — então que é? Eu disse o seguinte: no asilo aonde o senhor estava, para saírem à rua não iam em forma de dois a dois? e ele respondeu: é verdade. E também não andavam fardados como os magalas? veja lá se vê aqui algum com a roupa igual. Lá no asilo não andava sempre um guarda a tomar conta? E aqui, vê algum? Depois fui buscar uma caneca com vinho e ele bebeu e no fim terminou dizendo: estou convencido que a Casa do Gaiato não é nenhum asilo.

4 Já fomos a Loures e a Bucelas vender o Gaiato. A Loures foram, o Manuel Pedreiro, o Ernesto e o Octávio. A Bucelas foram o Rádio e o Mario. Venderam-se trinta em cada Vila. Toda a gente ao ouvir tal nome ficavam a olhar uns para os outros e dirigiam-se a nós a perguntar do que tratava o jornal e nós respondíamos, que era para ajudar a obra do Snr. Padre Américo. Muitos voltavam a cara logo que liam no jornal: Cardeal Patriarca; nós temos a impressão que para outra vez será melhor.

5 O Manteigas pouco depois de vir de Miranda, ficou doente dum Joelho. Na sexta-feira, veio cá o médico e neste mesmo dia foi ver se conseguia tirar-lhe algum liquido. Ele torcia-se todo com dores e a meio do curativo o pobre doente sem

DE LISBOA

saber o que dizia exclamou:—«Não sei para é só que inventaram os médicos é só para nos fazer doer, e mais nada». O Snr. Doutor ria-se e ia espetando a agulha.

6 Na quinta-feira, andava o Manuel Pedreiro a arranjar o telhado e quando rente à noite, vinha a descer a escada ela desandou e ele caiu no terraço, que tinha de altura quatro metros. Levamo-lo para a cama, mas na manhã seguinte levantou-se e foi para o mesmo serviço onde andava antes de cair.

PEDRO CRONISTA.

Crónica da nossa Aldeia

1 A nossa porca andava preanha e chegou o tempo e teve nove porquinhos muito engraçadinhos. Quando eles forem maiorzinhos vão se vender à Feira. Até aqui não morreu nenhum e o Pai Américo já disse ao Arouca (que é o que trata dos porcos) que ia comer à mesa dos Senhores. O Arouca anda contente por ir comer à mesa de honra. O Arouca não é a primeira vez que lá vai já lá tem comido mais vezes, e, mais vezes comerá se o merecer.

2 Durante toda a semana tem chegado selos de toda a parte. A nossa colecção tem subido bastante mas o que ninguém se lembrou foi de mandar os róis próprios para os colar. Não sei se são muito caros e se é essa a razão por que os não mandam, desculpem e não os torno a massar. Estamos à espera de alguma alma caridosa que os mande os tais róis próprios de colar selos.

Não esquecer o nosso pedido se não tudo estragado porque não temos com que os colar.

3 Os nossos bois andavam às marradas naturalmente a brincar mas o que é certo é que um boi tourino chegou-se ao pé dos dois bois amarelos que eram os que andavam a brincar e os bois amarelos viraram-se ao tourino e portanto eram dois contra um. O boi preto e branco escurraçou um e o outro queria-se fazer mais valente e começou a dar no preto e branco. O boi amarelo ia a dar-lhe uma em cheio e o tourino raspou-se e o amarelo deu semelhante marrada na terra que partiu um chifre. Agora o Senhor Dias anda a curar o forte das duzias.

ISTO É A CASA DO GAIATO

ESTEVE ontem aqui um grupo de mecanicos. Era Domingo. Muita alegria na face de todos, menos na do *Batata Nova*. Este andava triste. Muito triste. Tinha-se partido a roda do seu automovel. Eu dera brinquedos a todos. Coube-lhe um automovel. A roda saiu e quebrou! O *Batata*, ao ver aquêlê grupo de senhores, dirige-se a um deles com o veiculo na mão, narra a desgraça e pede que o conserte. Agora é o senhor que ficou triste. Ele é um mecanico. Tem officinas justamente da especialidade. Atende inumeros fregueses. Nunca nenhum como este, — e tem de lhe dizer que não. Oh tristeza! Ficaram os dois ali a olhar um para o outro, — ambos tristes! Deixei ir embora os visitantes e arranjei num instante a avaria do carro. Como? Muito facil. Um beijo na face do pequenino e tudo ficou sanado. O que não pode a força nem a ciencia, pode o amor. Este *Batata* é o mesmo que costumava pedir os senhores visitantes para lhe furar as creadelas, antes de haver corpo clinico na aldeia. Quasi que tenho pena de termos hoje hospital e assistencia, tanto gostava de ver o rapaz a mostrar e os visitantes a curar!

ANDANDO cansado. Cansado mas contente. São estes rapazes que me cansam. Até aqui tem sido nos estabulos, lá ao fundo da aldeia, nas antigas instalações do antigo convento. Nasceu um bezêro e nasceram dois cordeirinhos e eu tenho de andar acima e abaixo, a ver de novo aquilo que já vi, porque são muitos os tratadores do nosso gado, e eu tenho de ser participante da sua alegria. Eles querem repartir comigo. O amor comunica-se. Nós somos vazos comunicantes. Sim. Até aqui tem sido ali em baixo e agora é aqui à porta. Uma porca com 9 leitões. Nove bacoros. A porca. O *Arouca* tratador. As aguas muito bem feitas com farinha e leite. O ninho muito fôfo, de palha ceiteia. Cento e cincoenta rapazes. Cento e cincoenta vozes e recados e mandados, para eu ir ver. E eu vou ver. E torno a ir ver. Ando cansado, sim, — mas contente. Só tenho pena de uma coisa; é de não poder tomar tempo para tratar seriamente, de assuntos sérios, nem jornal sério como este nosso é. Isso tenho. Eu queria deleitar os meus amigos com *fundos* de cathedra, mas enquanto houver bucoros e bezeros e cordeiros e galinhas e sarilhos, eu tenho de me cansar, e não posso escrever. Ora eis.

HÁ dias, foram os nossos maiores a Paredes, ver o futebol. *Periquito* pegou-se lá com um rapaz da vila. Esqueceu-se que estava fóra de casa, não reparou que o outro era maior, e viu-se naufragado. Por quem berra êle? Grita pelo *Sérgio*, que também tinha êle e estava ali perto. O *Sérgio*, acodel *Sérgio* acode imediatamente e deu o arrós a quem o estava a dar o *Periquito*. Ora muito bem. Aqui em casa não é assim. Aqui em casa são petroleo e agua raz. Ajuda bem não, e *Periquito* já está a comer do *Sérgio*. Aqui é assim. Lá fóra, foi assim. E' que êles são irmãos!

AQUI há tempos, deliberou-se mandar um doa nossos rapazes tomar conta de um emprêgo, pelo que foi transferido para o Lar do Porto. Ele fizera a 4.ª classe e ficou distinto. E' muito inteligente. Muito simpatico. Verdade é que êle tinha ao tempo um defeito: Gostava de bulir no que estava quieto... Mas esse mesmo defeito, quando resolvi dar-lhe um emprego, tendia a desaparecer e o rapaz, falando eu com êle, disse-me que nunca mais. Seguiu o seu destino. No dia seguinte, já êle no Porto, aparece sobre a minha mesa de trabalho um bilhete do Rio Tinto a dizer assim: *Mandou fulano pró Porto. Fêz muito mal. Ele é um grandessissimo ladrão. Vai deixar ficar mal a nossa obra.*

Li a carta e arqueei. Achei exagero. Depois, as promessas do rapaz. O seu ar inocente. As suas falas doces. Decidi mandante o Rio Tinto tinha sido muito duro nos seus juizos. Pois não foi. Rio Tinto tinha razão. O das doces falas teve de regressar à base, de onde não mais sairá, até à vida militar. Interrogado sobre o delicto, jurou que não. Outra vez interrogado, tornou a jurar. *Tira os sapatos!* Trazia lá valores! O das falas doces!

Não sujou o nome da nossa casa. Os Patrões, têm sido senhores bons e muito compreensivos. Este é assim e tanto, que nos pediu outro rapaz. Não sujou o nome, mas deu-nos um tema de medi-

tação social. E' a familia. E' a familia que induz. Este é a segunda victima. Meditemos na nossa desgraça. Meditemos no que está por detrás do Grande, do Soberbo, do Colossal, — maiusculas estas de que parece ser feita a vida dos nossos tempos. E' o deus milhão a reinar. E' o delirio das riquezas. *Engano*, lhes chama o Evangelho.

Quando a nós, o que podemos fazer está feito: temos já um Lar em Coimbra; brevemente, teremos um em Lisboa. Desta sorte, afastaremos o rapaz das familias. Isto fazemos nós. Assim os outros fazem também alguma coisa. Quem são os outros? Não é ninguém; é o Capital. Que coisinha é essa que o capital pode fazer a bem destas familias? Casas. Casas de habitação. Proporcionar a cada familia o uso de uma casinha decente e depois de cada um ter a sua, — mas só depois, — então sim. Então vamos ós Luxos. Quem antes o fizer, cuidando que levanta luxos faz mas é Lixo. Lixo vivo, que se levanta e nos pede contas!

EU agora já olho mais pró que diz o Rio Tinto. Ando escaldado. Temos cá um rapaz que veio um naufrago e hoje é um amor. Tinha o pai na cadeia, que ao depois saiu e já lá está outra vez. Este escreve uma carta a pedir-me para ver o filho. Eu chamo o filho ao pé de mim, faço-lhe meiguice e pergunto — se ele quer ir ver o seu pai. Sim. Quería ir ver o seu pai.

— Olha que êle está na cadeia.

— Já lá fui muitas vezes!

Nisto passa o Rio Tinto. Observou o que estavam dizendo. Eu já estava decidido a mandar o filho à Relação. Pois se eu, que lhe não sou nada, gosto e amo tanto esta creança, como posso privar a seu pai duma coisa que eu suboreio e lhe pertence? *Sim; vais ver o teu pai à cadeia.* Rio Tinto ouviu a sentença e também dá a sua sentença. *Não faça isso. Olhe que êle afaz-se a ver a cadeia e depois não tem medo dela...*

Pois não foi. Não vai. Ando escaldado do tal das falas doces.

EU SAIO do refeitório e vem um ter comigo. Anda na aula de dia e tem a obrigação das casas. E' da limpeza da casa II. Que queria de mim o rapaz? Ele o disse, e eu digo agora aqui. Quer que o mude de obrigação. Quer ir prá obrigação do campo. Deseja ser do campo. Mas como nada o homem realiza sem uma razão suficiente, também êle, ao pedir o que pretende, dá a razão do seu pretender. Ele é inclinado ao furto. Ele tem vindo muitas vezes ó tribunal, responder por muitas. Por isso dá as suas razões:

—E' que eu nas casas da-me na cabeça.

—Dá-te na cabeça!

—Sim. Há ali muitas coisas e eu dá-me na cabeça e roubo.

Quem disse ao mundo que há rapazes maus; que os homens querem ser maus? O que eles desejam é mas é ser ajudados, — *tire-me das casas.* Porquê? Porque o delinquente vê ali o perigo da tenebação e quer fugir dela, — *dá-me na cabeça.* Este desejo nasceu dentro dele. Quando chega ao pé de mim, é supplica. Há necessariamente na alma deste pequeno uma reacção, — esperança de cura.

Meus senhores, que fôsse só este. Que fôsse somente o Joaquim de Cinfaes a procurar salvar-se. Pergunto; não vale êle por si só o sacrificio do teu auxilio? Não é êle que te embacia os olhos quando lêes o jornal?

Que fôsse só este, mas são muitos. Pequenos naufragos lançados nas enxurreiras, agarram-se por si mesmo às tabuas da salvação. — Oh Obra da Rua; tens tanto de humano, como de divino! Eu cingi o pequeno ao meu peito e disse-lhe: *voltas para as casas e quando te vires tentado fuge e vem-me dizer.*

As letras que melhor se veem, são aquelas que as lágrimas não deixam ver. Lê o *Gaiato* com olhos assim, e ajudará a salvar o pequenino que se agarra às tabuas para se salvar.

E' pena que no Lar do Porto não se publiquem noticias, como se faz com as restantes casas. Não é que as não haja, e muito interessantes, mas falta um cronista! Os rapazes tem todo o tempo tomado com o trabalho dos seus empregos e aulas nocturnas, de sorte que não fazem cronicas, mas dão matéria para elas.

Quantas vezes eu chego e vejo galos na testa e negras no rosto de alguns. Vou apurar. Que boas cronicas!